

Empresários revêem projeções para o ano

Queda nos juros e recuperação das reservas cambiais pode reanimar a economia e previsão é de que 1998 não será tão ruim para o Brasil

Ricardo Leopoldo
Da equipe do **Correio**

São Paulo — Os empresários brasileiros refazem as projeções e constataam que esse ano não será tão ruim como se estimava em dezembro. As novas estimativas mostram que as tempestades no mercado financeiro no final do ano deixaram seqüelas, mas a sensação de que 1998 seria uma catástrofe começa a ser afastada. A previsão de crescimento do Produto Interno Bruto se mantém em 2%, mas há a confiança de que o segundo trimestre será o ponto de partida para a recuperação da atividade econômica.

As planilhas da indústria de máquinas e equipamentos mostram que o otimismo não é infundado e projetam um crescimento de 10% no faturamento deste ano em relação a 1997. No primeiro trimestre, as vendas do setor atingiram US\$ 4,07 bilhões, 10% a mais que US\$ 3,7 bilhões registrados entre janeiro e março de 1997. Para o diretor da Abimaq, a associação das fábricas de bens de capital, Hiroyuki Sato, 1998 será um ano muito bom. “As

empresas compram máquinas para aumentar a produtividade, porque precisam competir com concorrentes nacionais e estrangeiros. O ano eleitoral, com muitas obras públicas, também está sendo favorável”, avalia Sato.

Na indústria automobilística, as vendas de janeiro a março foram 25% menores do que as de igual período do ano passado. Entre abril e junho, o número continuará negativo, mas será menor: queda de 10% em relação ao mesmo trimestre de 1997. “Acreditamos que venderemos 1,85 milhão de veículos em 1998, cerca de 3% menos do que os 1,9 milhão comercializados no ano passado”, comenta um executivo da Associação Nacional de Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea).

No meio do furacão da crise asiática, no final de outubro, a maioria dos empresários fez previsões azedas para 1998. As construtoras do estado de São Paulo estimaram que o faturamento ficaria igual ao apurado em 1997. “Os juros elevados e o avanço do desemprego desestimulam qualquer consumidor, principalmente quem quer comprar um

André Corrêa 4.9.97



Vendas estagnadas: supermercados projetam queda de 0,5% no movimento

imóveis”, afirma Eduardo Zaidan, vice-presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil (Sinduscon). “As consequências nefastas da crise asiática no Brasil, contudo, foram menores do que o esperado”. Zaidan ressalta que a situação do país melhorou em relação a novembro. Os juros caíram de 43% para 28% ao ano, as reservas internacionais foram recuperadas e hoje estão próximas de US\$ 70 bilhões.

Os produtores de eletrodomésticos não estão pessimistas, mas admitem que o faturamento de US\$

13 bilhões em 1997 cairá para US\$ 10,4 bilhões, 20% a menos que no ano passado. Vários fatores explicam a piora dos resultados: os consumidores estão com medo de gastar porque têm medo de perder o emprego. Além disso, o aumento do calote os juros altos do crediário também ajudaram a derrubar as vendas de eletrodomésticos.

“O país crescerá pouco neste ano e isso não permite a expansão da renda de grande parte da população”, comenta o presidente da Associação Nacional de Fabricantes de Produtos Eletroele-

trônicos (Eletrós), Roberto Macedo. É por isso que as indústrias estão muito cautelosas, explica o executivo.

Nos supermercados, o compasso também é de espera. O presidente da Associação Brasileira de Supermercados (Abras), Paulo Feijó, diz que o setor não vai crescer neste ano. “No primeiro semestre as vendas devem cair 0,5% em relação ao mesmo período do ano passado. O quadro não é positivo, mas não vivemos uma catástrofe”, afirma Feijó.

Mas os economistas tratam da questão com mais frieza. “As avaliações às vezes podem deixar de seguir os fatos”, diz o economista-chefe do banco Deutsche-Morgan-Grenfell, Dalton Gardiman. Entre outubro e dezembro, a produção industrial do país caiu 8,2% de acordo com o Instituto Brasileiro de Geo-

AS PREVISÕES

■ A estimativa dos empresários é de que o Produto Interno Bruto (PIB) cresça 2% neste ano em relação a 1997

■ As montadoras devem vender 1,85 milhões de veículos. O volume é 3% inferior ao do ano passado

■ As indústrias de eletrodomésticos projetam uma queda de 20% no faturamento em relação a 1997. A receita do setor deverá diminuir de US\$ 13 bilhões para US\$ 10,4 bilhões

■ Os donos de supermercados estimam que as vendas do primeiro semestre vão ser 0,5% menores do que a de igual período de 1997. Mesmo assim, eles acreditam que o ano não será uma catástrofe

■ As indústrias de máquinas e equipamentos (bens de capital) são mais otimistas e esperam um faturamento 10% superior ao do ano passado

grafia e Estatísticas (IBGE). “Vivemos por um período tão difícil que a expansão do país não passará de 0,5% neste ano”.

O único ramo industrial que está crescendo bem é o que faz máquinas e equipamentos. No primeiro trimestre deste ano, as vendas deverão chegar a US\$ 4,07 bilhões, 10% superiores aos US\$ 3,7 bilhões apurados entre janeiro e março de 1997. A expectativa para o diretor da Abimaq, a entidade que representa as fá-

bricas de bens de capital, Hiroyuki Sato, é de que 1998 feche com uma expansão também de 10% em relação ao ano passado. “As empresas compram máquinas para aumentar a produtividade, pois precisam competir com concorrentes nacionais e estrangeiros. O ano eleitoral, com muitas obras públicas, também está sendo favorável”, disse.